
A construção da representação da mulher negra na telenovela Lado a lado¹

Victor Adriano RAMOS²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

É apresentado neste trabalho os resultados da análise referente a representação das mulheres negras na telenovela *Lado a lado* (Rede Globo, 2012-13). Constatamos, com base na revisão das produções exibidas entre 2010 a 2020, que esta produção trazia elementos únicos em relação à presença e participação da população negra, principalmente sobre a mulher negra, ressaltando a diferença sobre a participação negra nos produtos televisivos (Araújo, 2019). Baseando-se nos conceitos das pensadoras feministas negras, Patricia Hills Collins (2019), a partir do conceito imagens de controle e da socióloga Lélia Gonzalez (2020), a partir das categorias mucama, mãe preta e mulata, além de bell hooks e a questão do olhar opositor (2019), empreendemos uma análise das principais personagens negras na trama e seu desenvolvimento. Articulamos a partir da categoria relacionada a carreira, constatando que a narrativa apresenta perspectivas múltiplas de vivência da mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: representação; feminismo negro; telenovela; interseccionalidade; comunicação.

Introdução

Os meios de comunicação, em especial a televisão, detêm uma expressiva concentração de poder. Sobre isso, Lopes (2003; 2009; 2014) afirma que esse veículo de comunicação ocupa no Brasil um espaço privilegiado. Sendo assim, a televisão detém em si um enorme poder de influência na formação identitária dos brasileiros por ter sido durante décadas o principal veículo de informação e entretenimento, ocupando ainda na atualidade posição de destaque. A autora defende que esse espaço pode ser entendido como um “novo espaço público” (LOPES, 2009, p.23), onde os postos de comando da sociedade passam a ter o controle do repertório compartilhado que antes estavam nas mãos dos intelectuais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e pensamento afrodiaspórico, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de Comunicação Social e Cultura Contemporânea da POSCOM-UFBA, e-mail: adrianovctr92@gmail.com.

No presente trabalho empreendemos uma análise da presença da mulher negra na telenovela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012-2013). Com base em dados obtidos a partir da análise das produções exibidas pela emissora no período de 2010 a 2020 (RAMOS, 2022). Compreendemos que seu enredo destaca as personagens negras, em especial as mulheres, as colocando como protagonistas de suas narrativas, criando uma dinâmica em que essas tramas ampliam para o público espectador as noções estereotipadas em relação à representação negra em produtos audiovisuais, amplamente discutido em estudos sobre a temática (ARAÚJO, 2019; CANDIDO e FERES JUNIOR, 2019; FARIAS e RAMOS, 2023; GRIJÓ e SOUZA, 2012; MALTA e OLIVEIRA, 2020)

Na pesquisa seminal de Joel Zito Araújo compilada no livro *A negação do Brasil* (2019) e no documentário de mesmo título, o autor constata que desde a popularização das telenovelas no Brasil, ainda na década de 1960, até o final da década de 1990, quando a pesquisa é finalizada, atores negros possuem papéis subrepresentativos nas tramas das diversas emissoras, principalmente na Rede Globo. Araújo destaca que nas produções exibidas no horário das 18h, marcadas por obras de reconstrução histórica, existe a incidência de mais personagens negros, geralmente ocupando papéis de escravizados.

Tencionamos essas informações ao analisar *Lado a lado*, trama de reconstrução histórica exibida as 18h, que traz como protagonista personagens negras que encenam as vivências dessa população de modo a contrapor as imagens estereotipadas comumente apresentadas na teledramaturgia nacional. Baccega et al. (2016) definem *Lado a lado* “como uma novela sociocultural (...) ocupando, muitas vezes, o local de fala dos excluídos da história oficial.” (BACCEGA, 2016, p.18). Ou seja, esta telenovela busca desde o seu princípio reinserir partes da população constantemente marginalizadas nos produtos audiovisuais nacionais.

Constatamos a partir do levantamento quantitativo da presença negra nas produções da emissora no período de 2010 a 2020, que essa produção apresentava um percentual elevado de atores e atrizes negras em diversas tramas. Até o ano de sua exibição era a produção com maior número de profissionais negros envolvidos, fato que nos chama atenção, consideramos então *Lado a lado* como um marco histórico representativo. Além disso, a relação das personagem mulheres negras é amplamente

destacada, não apenas em relação à vivência de Isabel (Camila Pitanga) protagonista, mas também de outras personagens fundamentais para o andamento da narrativa, Berenice (Sharon Menezes), Jurema (Zeze Barborsa), Etelvina (Laís Vieira) e Zenaide (Ana Carbati).

Para conduzir a análise nos apropriamos das categorias propostas pelas pesquisadoras Lélia Gonzalez (2020) e Patricia Hill Collins (2019) em relação à presença de mulheres negras na sociedade, baseando nas percepções do feminismo negro. Os trabalhos das duas possuem pontos de semelhanças ao apresentar de maneira categórica como a sociedade, por meio de diversos meios – sendo o audiovisual um dos mais importantes – enxerga essas mulheres. As autoras, em seus diferentes contextos sociais, promoveram questionamentos em relação à maneira como obras audiovisuais justificam e até mesmo criam estereótipos associados à população negra, principalmente as mulheres.

Collins (2019) nomeia como “imagens de controle”, as categorias comumente vinculadas às mulheres negras, aprisionando-a, servindo como um rígido controle, cumprindo assim uma meta estabelecida pelo Estado para a manutenção das relações subjacentes das pessoas negras. Já Gonzalez nos oferece, a partir da categoria da “mucama” e suas subdivisões “mulata” e “mãe preta”, as especificações para compreender com mais especificidade a maneira como os meios de comunicação, em especial a televisão, ajudam a difundir uma imagem estereotipada da mulher negra. Sendo essas categorias definidoras da percepção racial dessas mulheres. Collins (2019) associa o pensamento feminista negro como uma importante fonte teórica, não só para as mulheres negras estadunidenses, como também para outros grupos sociais.

Nós utilizamos também das contribuições da pesquisadora estadunidense bell hooks (2019) a partir de suas reflexões sobre os negros no audiovisual, principalmente a relação da mulher negra. Através do conceito “olhar opositor” buscamos refletir sobre a construção narrativa dessas personagens.

Considerando as contribuições das autoras citadas e as categorias de análise por elas suscitadas, dividimos a trama a partir das personagens, considerando os aspectos relacionados as categorias de maternidade, carreira e casamento. Neste trabalho destacamos as considerações acerca dos desenvolvimento relacionado a carreira. Foi utilizada a metodologia de análise da imagem em movimento, desenvolvida pela

pesquisadora Diane Rose (2002). A autora considera o fluxo televisivo e suas particularidades como forma de extração dos dados, a partir das cenas onde os elementos de representação da temática estudada, são abordados.

Pensamento Feminista Negro

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2022, a população negra, considerada a partir da soma de pretos e pardos, é de 55,9%. Ou seja, um pouco mais da metade da população nacional se autodeclara negra. Sendo assim, a indagação sobre a presença dessa parcela da população na narrativas audiovisuais, se mostra de extrema relevância. Considerando ainda que as mulheres são 52% da população mundial, e ainda assim permanecem subrepresentadas, se mostra relevante considerar esses dados para entender como essas parcelas permanecem em posições de desvantagens sociais. A interseção entre os dois dados joga luz para a situação específica da mulher negra, vista a partir da pirâmide social como o elemento a ocupar a mais baixa posição, principalmente nas representações audiovisuais.

Para condução da análise da telenovela *Lado a lado*, recorreremos às teóricas do feminismo negro, por entender que é necessário um aporte teórico que abarque a realidade específica da mulher negra na sociedade. Sua representação nas narrativas audiovisuais se mostra como uma extensão da realidade social, posto que a televisão brasileira imprime em suas produções as reflexões do grupo hegemônico, composto majoritariamente por homens brancos. Para compreender essas relações representativas é necessário compreender os aspectos e vivências da realidade das mulheres negras.

Partindo da ideia de um pensamento feminista negro como teoria social crítica, Patricia Hill Collins (2019) cunha a base de suas perspectivas de análise social. Neste artigo usamos o conceito de “imagens de controle” proposto pela autora. Collins entende que a vivência de mulheres negras é de suma importância para a produção de conhecimento, elegendo como intelectuais ou pensadoras não só as pessoas com passagens por instituições acadêmicas, mas leva também em consideração a produção não reconhecida formalmente de mulheres negras.

Ao trazer essas definições, Collins aproxima a experiência prática com a produção teórica voltada a entender a relação das mulheres negras na sociedade. É uma

teoria prática que dialoga com as questões pertinentes as vivências da negritude. A autora, ao analisar os padrões de socialização impostos para mulheres negras, organiza em categorias de análise as quais intitula de imagens de controle. Este conceito nos serve como um marcador para pensarmos as interlocuções entre o audiovisual e seus reflexos na sociedade.

O que a autora chama de imagens de controle pode ser entendido como estratégias de manipulação, sendo ainda mais específico, estratégias de controle do corpo da mulher negra, dificultando sua emancipação e luta por liberdade. “Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, p.136).

As imagens de controle atuam como um mecanismo que busca barrar a entrada de mulheres negras como sujeitas atuantes na sociedade, dificultando em se inserir nas esferas de representação. Essas categorias de dominação são difundidas por diversos mecanismos sociais, destacamos a sua operacionalização através das narrativas audiovisuais, em especial as telenovelas. Entretanto, é importante destacar que essas categorias de manipulação são vigentes em variados níveis dentro da sociedade, objetivando culpabilizar mulheres negras pela situação socioeconômica em que se encontram a população negra.

São veiculadas diariamente imagens estereotipadas da mulher negra em filmes, séries, novelas e propagandas de marketing, trazendo na maioria das vezes construções da feminilidade aliadas a preconceções compartilhadas na sociedade. Collins afirma que é do interesse da sociedade manter a imagem das mulheres negras como o Outro, pois é uma justificativa para a manutenção das formas de opressão de raça, gênero e classe (COLLINS, 2019, p.136).

Essas categorias representam correlações que datam desde o período escravocrata e são sempre atualizadas conforme a necessidade a partir das atualizações sociais. As imagens de controle atuam em correlação com os sistemas de diferenciação de raça, gênero, sexualidade e classe, sendo um importante instrumento da supremacia branca para dominação dos corpos de mulheres negras. Ou seja, ao definir a mulher negra como um objeto sem direitos, representando apenas um corpo apto ao trabalho e para atender às necessidades sexuais dos patrões, projeta-se uma diferença entre as

mulheres brancas e negras. “As imagens de controle também podem ser consideradas símbolos que buscam restringir a autonomia de mulheres negras, também sendo utilizadas como uma forma de naturalização das consequências do racismo e do sexismo a partir da inevitabilidade” (BUENO, 2020, p. 79).

A estrutura de formação e de fixação das imagens de controle tem como ponto de partida a estruturação do pensamento binário, já que essas mesmas estruturas estão diretamente ligadas às formas de colonialismo e neocolonialismo que limitam a ação de negras e negros na sociedade. Com a ideia de diferença entre uma coisa e outra, ou seja, preto/branco, masculino/feminino, razão/emoção, as imagens de controle servem como sustentação dessa diferenciação, excluindo as mulheres negras de outras possibilidades de definição, aprisionando-as em conceitos já estabelecidos previamente por uma sociedade supremacista branca e patriarcal.

Collins chama atenção que as imagens de controle podem também ser manipuladas pela própria comunidade negra, não sendo apenas um instrumento das elites dominantes. A autora esclarece que apesar dos homens negros sofrerem opressões raciais semelhantes às mulheres negras, ainda imperam as motivações patriarcais na sua identidade, o que faz com que mesmo sendo afetado por essas categorias de dominação, ainda assim a utilizam para inferiorização de suas companheiras. É importante ressaltar que por estarmos imersos em uma sociedade patriarcal, a mulher negra sofre uma série de preconceitos que são exclusivos apenas à sua condição.

Podemos traçar uma linha em relação à representação da mulher negra na mídia de massa e relacionar com as categorias definidas por Collins e através dos estudos de Gonzalez, entendendo que antes da criação do cinema e da estabilização da indústria audiovisual televisiva, a exploração do corpo da mulher negra servindo de entretenimento para a branquitude, já era amplamente difundido. Como exemplo, citamos o caso de Sarah "Saartjie" Baartman, conhecida pela alcunha racista de “Vênus Hotentote”.

A socióloga Lélia Gonzalez em seus trabalhos sobre a mulher negra no contexto social brasileiro nos apresenta categorias de análise pertinentes para a compreensão do papel relegado a este grupo social em uma sociedade patriarcal. Ao analisar esse lugar reservado à mulher negra, Gonzalez nos alerta também para o papel dos meios de comunicação na perpetuação do racismo e machismo que incide em toda a população

negra, mais especificamente nas mulheres. Suas categorias mulata e mãe preta podem dialogar com as definições e análises promovidas por Collins através de seu conceito de imagem de controle. Propomos um olhar mais atento a essas duas categorias em diálogo com o nosso objeto de pesquisa para uma ampla compreensão acerca dos resultados dessas opressões.

Gonzalez define duas categorias principais em suas análises sobre a relação da mulher negra no Brasil. Essas categorias se desdobram de um mesmo significante inicial, que seria o papel da mulher escravizada na sociedade escravocrata, através do lugar da mucama. A autora chama atenção que diferente do que é apresentado em recriações artísticas e outras encenações sobre o período, a mulher negra também trabalhava na plantação das fazendas, sendo algumas escolhidas para o serviço doméstico, além do trabalho braçal e outras eram colocadas nas cozinhas. Aquelas de quem os senhores se afeiçoavam eram, assim, através da violência, aproximadas deles, causando o que ficou conhecido popularmente como o romance entre a casa grande e a senzala. Porém, apesar do forte mito de que havia uma cooperação entre os dois grupos, o que existia de verdade era violência física por parte daqueles que detinham o poder, e por parte daqueles que eram privados de liberdade cabia a resistência a partir de diversas formas.

Em seu ensaio “E a trabalhadora negra, cumé que fica?” (GONZALEZ, 2020), a autora expõe as condições de trabalho a que são submetidas as mulheres negras, os lugares relegados socialmente que derivam das duas ocupações que a escravizada estava submetida, além das derivações em relação aos serviços de comercialização nas ruas da cidade. A autora também exemplifica a relação da mulher negra com o mercado profissional audiovisual, revelando a falta de oportunidades, além do estigma da representação subalternizada.

É importante ressaltar que desde o período da escravidão, as mulheres negras vêm resistindo às imagens de controle que lhe são impostas, fazendo com que estas se alterem à medida que mudam os sistemas de opressão. Ao recorrer à autodefinição como mecanismo de defesa contra a imposição das imagens de controle, as mulheres negras conseguem articular com esse olhar dominante. É importante frisar que a autodefinição está ancorada a partir de diversos mecanismos.

No ensaio “O olhar opositor: mulheres negras espectadoras”, que faz parte do livro *Olhares negros* (2019, p.214), bell hooks utiliza de seu arcabouço pessoal para teorizar aspectos da representação da mulher negra no audiovisual, levando em consideração o papel do espectador.

Partindo dos estudos de Foucault sobre micropoder, e de Stuart Hall sobre racialização no cinema, hooks elabora a sua ideia de um olhar opositor, contrastando com o que é comumente elaborado nos estudos críticos, entendendo que o olhar é uma importante ferramenta contra o racismo e a opressão. A autora classifica as mídias de massa como o cinema e televisão importantes agentes que funcionam em função da supremacia branca. Segundo a autora, o caminho para mudança seria o fomento de um olhar crítico para essas obras audiovisuais, um olhar opositor, de onde é possível estabelecer uma relação humanizada da presença negra no audiovisual.

Análise da telenovela Lado a lado a partir da categoria carreira

Nesta última etapa do artigo é apresentado a discussão em relação à construção de um aspecto fundamental para a representação da mulher negra, considerando as categorias apresentadas pelas autoras vinculadas ao feminismo negro. A partir da análise da forma como a carreira das personagens mulheres nesta telenovela acontecem, podemos ter uma noção ampliada do modelo de representação trabalhado.

Se faz necessário uma breve apresentação sobre o que entendemos sobre carreira com relação às personagens selecionadas. Isabel, protagonista, começa a trama como uma empregada doméstica, esta profissão está intimamente ligada às noções escravocratas associadas à figura central da mucama, como afirma Gonzalez (2020). A posição da doméstica é o lugar-comum nas narrativas audiovisuais em relação à mulher negra (ARAÚJO, 2019; OLIVEIRA, 2016).

Nos primeiros capítulos Isabel demonstra estar satisfeita nessa profissão, afirmando com começou a trabalhar na casa da elegante Madame Beçanson (Beatriz Segal) ainda criança. A senhora logo se afeiçãoou à menina ensinando francês e noções de etiqueta. Porém, ao final da primeira fase Isabel passa a ocupar o cargo de camareira no teatro Alheira, servindo muitas vezes como camareira particular de sua amiga Diva Celeste (Maria Padilha). É notório como a relação de amizade não elimina o vínculo empregatício, favorecendo as relações de classe e evidenciando as posições da pirâmide

social onde a mulher branca – neste caso a empregadora – estaria acima da mulher negra.

Na mudança de fase, Isabel torna-se uma mulher com posses e compra o teatro onde um dia trabalhou, transformando-se em uma empresária e agente cultural, fazendo com que o vínculo se inverta. Agora ela é a chefe negra comandando uma equipe branca. Isabel acumula ainda uma terceira função, além de dançarina – posição que não é explorada na narrativa, ficando subentendido nos diálogos, já que essa profissão ela exerceu nos anos em que vivia em Paris, compreendido entre as passagens de tempo referente a mudança de fases na trama – ela é também dona da primeira escola de alfabetização no Morro da Providência. Ou seja, Isabel deixa de ser empregada doméstica e torna-se uma empresária do ramo cultural e educacional, liderando uma equipe exclusivamente formada por mulheres brancas.

Se faz necessário entender outras relações de vínculos empregatício das mulheres negras presentes na narrativa. Destacamos duas personagens além da protagonista, para estender as nossas observações: Tia Jurema (Zeze Barbosa) e Berenice (Sheron Menezes). A primeira cumpre a função de representar as grandes matriarcas conhecidas como “tias” que ajudaram na consolidação do samba na cidade do Rio de Janeiro. Tia Jurema acumula diversas funções, todas elas com vínculos empregatícios considerados como subempregos, mas que historicamente são posições ocupadas pelas mulheres negras desde o sistema escravocrata, o que faz com que o entendimento de que essa parcela social está desde sempre inserida no mercado de trabalho de forma precária, pois “excluída do mercado de trabalho formal, ela [a mulher negra] vivia normalmente da prestação de serviços os mais variados possíveis” (VELLOSO, 1990, p.217).

Já Berenice, mulher negra de pele clara, é uma jovem que nutre um forte sentimento de inveja por Isabel trabalhar numa casa de “madame rica”, que fala francês. Suas funções se assemelham às de Tia Jurema, lavando roupa para fora e colocando tabuleiro de cocada na rua, além disso ela é a responsável pela cozinha no terreiro de Tia Jurema. Porém, ela tem ambições e, consciente de sua posição social, ou seja, entendendo que não terá apoio do Estado nem da sociedade branca, opta por enveredar por caminhos considerados indignos, colaborando com a vilã Constância (Patrícia Pilar). Apesar de receber uma significativa quantia por mês, ainda assim mantém-se

fazendo todos os outros trabalhos, pois seu maior desejo é deixar o Morro da Providência e morar numa casa no centro da cidade.

É importante ressaltar que na socialização no período pós-abolição, é a mulher negra a responsável por gerir grande parte de sua comunidade, mesmo não estando apta a concorrer a altos cargos. A partir de seus saberes informais ela consegue galgar por lugares de prestígio. No Rio de Janeiro, em 1870, “71% das mulheres ativas eram criadas, o que significava 34 mil mulheres trabalhando como mucamas, pajens, amas-de-leite, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, carregadoras de água, lavadeiras, passadeiras e costureiras” (MONTELEONE, 2019, p.2).

Ao articular os elementos históricos com a realidade apresentada na narrativa, Lado a lado consegue articular os elementos da realidade a partir da vivência cotidiana, elemento narrativo comum ao melodrama folhetinesco. Há uma tentativa da fuga dos estereótipos associados à mulher negra na personagem, ela busca seu próprio sustento alternando entre elementos de sua cultura, como a confecção de comidas típicas para venda – em seus planos de abrir a casa no Morro da Providência está subentendida esta função –, aliado à necessidade de preservação dessa mesma cultura. Além disso, ela é sacerdotisa do candomblé, expressão religiosa tradicional das culturas de matriz africana.

Seu empreendimento é muito mais do que apenas uma alternativa para arrecadar dinheiro, mas funciona também, assim com todas as comunidades tradicionais de terreiro, como um lugar que salvaguarda as memórias da população negra em diáspora. Podemos inferir ainda que esse sistema implantado por essas comunidades tradicionais não visam o lucro a partir de transações de venda, mas estão em busca de um equilíbrio na dimensão comunitária. Essas casas “eram os cantos, o pedaço onde era possível unir esforços, dividir tarefas, enfim, reunir os fragmentos de uma cultura que se via constantemente ameaçada” (VELOSO, 1990, p.213).

Podemos dizer que essas mulheres, representadas em Lado a lado pela personagem Tia Jurema, seriam consideradas como empresárias, considerando a movimentação que exercem a partir das atividades desempenhadas. Entendemos que a visão de carreira como uma profissão única em crescente progresso não cabe à realidade dessas mulheres, que precisam, como evidenciado no diálogo reproduzido, desempenhar diversas funções diferentes e pensar de forma criativa para conseguir tirar

o sustento. Ao representar essa realidade na narrativa, Lado a lado expõe uma passagem histórica pouco representada nas obras audiovisuais brasileiras, a imagem da mulher negra, como nos alude Gonzalez, está comumente associada à figura da doméstica, tendo a sua representação nos meios de comunicação associado a esta categoria. Ao apresentar diferentes mulheres negras, mesmo que ainda em posições subalternas, a novela reconhece outra realidade, sem deixar de articular noções já conhecidas, mas trazendo uma nova perspectiva.

De acordo com Velloso (1990), as mulheres negras tinham maior liberdade de circulação, já que exerciam o trabalho na rua, fazendo com que elas conquistassem certo grau de liberdade em relação ao homem negro. A autora ainda credita a essa maneira de vivenciar a cidade, através do trabalho, como um dos elementos que elenca a mulher negra como uma líder comunitária, já que tendo acesso às ruas da cidade de forma que nem o seu companheiro de raça, nem a mulher branca possuíam, ela conseguia fazer articulações em seu favor. “Essa intensa participação no mundo do trabalho influenciou a própria personalidade dessas mulheres, interferindo na sua maneira de pensar, sentir e de se integrar à realidade” (VELLOSO, 1990, p.217).

Podemos observar que Lado a lado pode ser considerada uma obra pioneira na intenção de apresentar protagonistas negros conscientes de sua história e de sua condição social. Ainda que possamos apontar algumas incongruências. A partir das cenas analisadas percebemos que há a articulação de algumas categorias, principalmente a da mulata e da megera. Essa construção está articulada às posições de predominância nas narrativas de telenovelas que apresentam personagens negras, como nos alude pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema, como Araújo (2019) Malta e Oliveira (2016; 2020), em suas análises das personagens da atriz Taís Araújo nas novelas em que ela é protagonista; e Grijó e Souza (2012), ao atualizar a pesquisa promovida por Araújo, analisando as obras do início dos anos 2000 e chegando a semelhantes conclusões.

Concluimos destacando que Lado a lado, ao apresentar diferentes perfis de personagens, podemos ter uma dimensão ampla de trajetórias de distintos grupos de mulheres negras. A narrativa nos apresenta visões múltiplas de vivências negras através de suas personagens mulheres, ainda que em algumas personagens recaia a utilização de estereótipos e imagens que podem ser entendidas como negativas. Ao expandir essa

representação para além de uma única personagem negra, a trama nos oferece múltiplas narrativas de vivências negras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Ed. Senac, 2019.

BACCEGA, Maria Aparecida et al. História, ficção e realidade: a novela Lado a Lado e seu olhar sobre questões históricas brasileiras. In: Ricardo Zagallo Camargo. (Org.). **Brasil: Múltiplas Identidades - volume 2**. 1ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, v. 1, 2016, p. 1-20.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: Raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, v. 1, 2020, 176p.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019, p. 1-13.

CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JÚNIOR, João. Televisão em cores? Raça e sexo nas telenovelas “Globais” dos últimos 30 anos. **Textos para discussão GEMAA**, n. 10, 2015, p. 1-23.

CARDOSO, Bia. Entrevista: Claudia Lage, autora da novela Lado a Lado. 4 jan. 2013. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2013/04/01/entrevista-claudia-lage-autora-da-novela-lado-a-lado/>>. Acesso em 26 abr. 2023.

COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento feminista negro**: Conhecimento, consciência, e a política do empoderamento. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FARIAS GOMES, A. Ângela, & RAMOS, V. A. (2023). Tem negras nessa novela? A representação da mulher negra em Lado a lado. **Revista TOMO**, 42, e18803. <https://doi.org/10.21669/tomo.v42i.18803>

GELEDÉS. Novela que retratou as tradições de matriz africana recebe prêmio nos EUA. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/novela-que-retratou-as-tradicoes-de-matriz-africana-recebe-premio-nos-eua/>>. Acesso em 26 abr. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. 1ª Edição. Editora Filhos da África, 2018.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUZA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em comunicação**, n 11, maio de 2012, p. 185-204.

LADO A LADO. Rede Globo de Televisão. Autores: João Ximenes Braga e Claudia Lage. Direção: Dennis Carvalho e Vinícius Coimbra. 154 capítulos, 50 minutos, 2012.

LOPES, Maria Immacolata. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 1, n.26, 2003, p. 17-34.

LOPES, Maria Immacolata. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes (USP. Impresso)**, v. 3, 2009, p. 21-48.

LOPES, Maria Immacolata. Memória e Identidade na Telenovela Brasileira. In: 23o. Encontro Anual da Compós, 2014, Belém. **Anais do 23.º. Encontro Anual da Compós**. São Paulo: Compós, v. 1, 2014, p. 1-16.

LIMA, Marcelo Oliveira. A Indústria é Cultural. **Novos Olhares (USP)**, v. 7, 2018, p. 78-89.

MALTA, Renata; OLIVEIRA, Laila. Construção de Raça e Gênero nas Personagens de Taís Araújo. **ECCOM - Educação, Cultura e Comunicação**, v. 11, 2020, p. 165-178.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Editora Jandaíra; 1ª edição, São Paulo: 2019.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas** [online]. 2019, v. 27, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n148913>>. Acesso em 27 de jul. 2023.

OLIVEIRA, Laila Thaíse. **A mulher negra na primeira pessoa**: uma construção de raça e gênero nas telenovelas protagonizadas por Taís Araújo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Federal de Sergipe, 2016.

RAMOS, Victor Adriano. **Tem negra nessa novela?** Representação da mulher negra em Lado a lado. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar em Cinema) Programa de Pós- Graduação em Cinema, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022, 135f.

ROSE, Diane. Análise de imagens em movimento. In: Bauer, Martin W; Gaskell, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Richard. **Branquitude e televisão**: a nova África (?) na TV pública. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

SANTOS, Richard. **Maioria Minorizada**: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2020.

SVARTMAN, Rosane. **Televisão em transformação**: como a telenovela pode indicar estratégias para a televisão corporativa diante das transformações da espetacularidade, da

convergência das mídias e das plataformas interativas. Tese (Doutorado em Comunicação)
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, 2019.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol 3, n. 6, 1990, p.207-229.